
Editorial

Apresentação do Dossiê “Tempo, Crítica, Catástrofe”

A proposta deste dossiê “Tempo, Crítica, Catástrofe”, em uma revista de filosofia moderna e contemporânea, tem função editorial precisa. Reunir um conjunto de autores e autoras cujo pensamento tem procurado lidar, histórica e criticamente, com a especificidade política e social do tempo presente, sem restringir a reflexão filosófica a escolas de pensamento ou a campos disciplinares particulares.

As reflexões aqui presentes possuem, por isso, um caráter, predominantemente, ensaístico, pois atravessam e articulam livre e imaginativamente diversos campos – como filosofia, antropologia, psicanálise, educação, economia, história – no esforço de apreender aquilo que, de modo deliberadamente inacabado, poderíamos denominar como crítica das catástrofes do tempo presente.

Pela expressão, subentende-se tanto as catástrofes climáticas e epidemiológicas, quanto aquelas da ascensão político-institucional da extrema-direita, do aprofundamento das desigualdades sociais, do desmonte da educação pública em todos os níveis, da heteronomia das formações culturais correlatas à expansão das redes sociais.

Os textos examinam desde as origens históricas do assim chamado “negacionismo” até a discussão a respeito das potencialidades do conceito moderno de autonomia estética e das figurações artísticas de um suposto “irrepresentável”, como se exemplificou no século 20. Especulam sobre os aspectos menos evidentes do recrudescimento contemporâneo do fascismo e das relações entre pedagogia, aniquilação do mundo do trabalho e os processos de formação das subjetividades “empreendedoras”. São, sobretudo, análises criteriosas do presente e de alguns de seus fenômenos políticos e sociais mais específicos.

Ao final, o leitor perceberá que a questão orientadora da proposta deste dossiê – para a qual a cada texto colhemos um tanto de fecundos elementos de elaboração para formular hipóteses de resposta e, por outro tanto, descobrimos novas indagações – foi: em nossa era de expectativas decrescentes e crises permanentes, o que ainda é possível esperar de uma crítica comprometida com a efetiva transformação do mundo?

Os textos deste dossiê estão organizados em quatro eixos temáticos, conforme a divisão abaixo:

“Tempo, crise, catástrofe”, por Jeanne Marie GAGNEBIN

I. HETERONOMIA DAS FORMAÇÕES CULTURAIS

“Imagens da catástrofe”, por Ricardo FABBRINI

“Perto demais de sua própria desapareição”, por Vladimir SAFATLE

II. DESIGUALDADES E DESMONTES

“A era das formas urbanas extremas”, por Otília Beatriz Fiori ARANTES.

“Motins, emergência, entropia e improvisação”, por Frederico LYRA

“Pedagogia da catástrofe”, por Carolina CATINI

“Capitalismo e ontologia n’O Anti-Édipo: uma crítica marxista”, por Vera CO-TRIM

III. DA ESQUERDA À DIREITA

“A desbanalização do mal”, por Felipe CATALANI

“Náufragos políticos, elementos para uma psicologia do conservadorismo”, por Bruno CARVALHO

“As razões do negacionismo”, por Pedro Rocha de OLIVEIRA

IV. CATÁSTROFES CLIMÁTICAS E EPIDEMIOLÓGICAS

“O grande medo do colapso”, por Leonardo MASARO

“A vastidão do vazio”, por Marco Antonio VALENTIM

“A herança do dualismo modernista natureza-sociedade”, por Stelio MARRAS

Ao final, uma resenha de Douglas ANFRA, sobre o livro “Abundância e liberdade”, de Pierre Charbonnier.

Gilberto Tedeia (UnB), Denílson Soares Cordeiro (Unifesp), Silvio Rosa Filho (Unifesp), Eduardo Socha, e Bruno Carvalho.

(Organizadores do Dossiê)

* * *

Além dos trabalhos que compõem o *Dossiê*, o presente número também conta com outras contribuições recebidas em fluxo contínuo.

(1) André Luis Muniz Garcia, professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), no artigo “Nietzsche Leitor de Homero: Materiais Artísticos da *Genealogia da Moral*”, partindo do segundo ensaio da referida obra de Nietzsche, propõe indicar alguns pressupostos estético-teóricos presentes em sua investigação genealógica sobre a memória e o sofrimento. Em vista desse estudo, as estratégias e procedimentos da poética de Homero terão um papel central.

(2) No artigo “A Incorporação do Conceito de Sistemas na “Teoria do Agir Comunicativo”: Primeiras Aproximações”, Marco Bettine, professor da Escola de Artes, Ciências e

Humanidade da Universidade de São Paulo (USP), busca examinar como a Teoria do Agir Comunicativo incorpora o processo de complexificação sistêmica e a dualidade Sistemas e Mundo da Vida.

Por fim, o Grupo de Tradução do Departamento de Filosofia da UnB, composto por alunos da graduação e pós-graduação em filosofia, e coordenado pelo professor Philippe Lacour, disponibiliza para o leitor de língua portuguesa a tradução inédita do texto “O Culto da Razão como Fundamento da República” de Alain (Émile Chartier).

Gostaríamos de aproveitar o ensejo para agradecer a todos os autores, por terem honrado a nossa *Revista* com as suas produções, bem como aos membros do corpo editorial, avaliadores, editores e leitores de provas, pela fundamental colaboração na confecção da presente edição.

Os Editores

